



**AFEGANISTÃO /** Reino Unido insiste que a Casa Branca prorogue a saída das tropas estrangeiras do país, e Talibã adverte que adiamento representará “linha vermelha”. Especialistas veem dilema do presidente norte-americano e fracasso da política externa

# Biden sob pressão para adiar a retirada militar

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, está preso em uma armadilha. De um lado, os países aliados pressionam a Casa Branca para que prorogue a retirada militar do Afeganistão, prevista para daqui a exatamente uma semana. De outro, a milícia fundamentalista islâmica Talibã, que retornou ao poder no último dia 15, determinou que a data de 31 de agosto é uma “linha vermelha” e ameaçou com “consequências” caso o prazo não seja respeitado. No meio, milhares de norte-americanos e estrangeiros à espera, no Aeroporto Internacional Hamid Karzai (em Cabul), de um resgate aéreo cujo resultado é dado como incerto pelo presidente democrata.

Biden tenta retomar o controle da narrativa sobre o Afeganistão, ao insistir que a guerra tinha que terminar e que, para tanto, tomou uma atitude corajosa. O Pentágono informou que cerca de 16 mil pessoas foram resgatadas do aeroporto apenas nas últimas 24 horas, elevando o total, desde julho, a 42 mil, incluídas as 37 mil

lações internacionais do Centro Universitário Iesb, Marco Antônio de Meneses Silva afirmou ao **Correio** que os corpos diplomático e militar do governo Biden fracassaram ao manterem o prazo de entrega do poder ao Talibã. “Os EUA também falharam porque passaram vários anos envolvidos na tarefa de tentar dotar o Afeganistão de um aparato estatal mínimo, que pudesse fazer com que o Estado afegão funcionasse”, comentou.

Silva lembrou que, ao visitar Cabul, em 2020, Mike Pompeo — chefe da diplomacia do governo de Donald Trump — dialogou com o Talibã, em vez de priorizar o regime de Ashraf Ghani. “É uma situação bem complicada, pois essas pessoas foram absolutamente traídas, como se o governo de Ghani não existisse”, disse.

O professor do Iesb reconhece que Biden tem pouco espaço para manobras. “Ele adota a lógica de que não vale mais a pena comprometer a vida dos civis e dos militares norte-americanos em uma guerra sem fim”, comentou Silva. Segundo ele, Biden foi tomado de surpresa pe-

la velocidade dos acontecimentos. “Houve uma imensa falta de planejamento. Um exemplo claro e anedótico foi o que ocorreu no aeroporto de Cabul. Centenas de pessoas tentavam escapar da eventual perseguição do Talibã e, ao mesmo tempo, havia vários voos decolando, com dezenas de lugares vazios.”

Denilde Holzacker, professora de relações internacionais da ESPM-SP, concorda que a posição de Biden é “difícil”. “Ele tem uma pressão da sociedade para garantir a retirada dos norte-americanos e dos afegãos refugiados. Ao mesmo tempo, o cálculo dele é o quanto a permanência no

Afeganistão atrairá ataques do Talibã contra seus compatriotas. A negociação do G7 será fundamental para que uma possível alteração da retirada ocorra de forma a garantir a segurança”, disse à reportagem. A estudiosa acredita que uma eventual desistência da retirada em 31 de agosto sinalizará fraqueza ainda maior de Biden, além de alto custo econômico. “A melhor saída seria negociar no âmbito multilateral”, sugeriu.

## Popularidade em queda

Pela primeira vez desde que se tornou o 46º presidente dos Estados Unidos, em 20 de janeiro, Joe Biden, 78 anos, viu sua popularidade ficar abaixo dos 50 pontos percentuais. Uma pesquisa realizada pela emissora norte-americana NBC, divulgada anteontem, conferiu ao democrata 49% de aprovação, ante 53% quatro meses antes. A desaprovação de Biden disparou de 39% para 48%. Quanto ao modo como lida com o Afeganistão, a rejeição atingiu surpreendentes 60 pontos percentuais.

Wakil Kohsar/AFP



Talibãs patrulham ruas de Cabul em picape: grupo busca passar sensação de segurança

## » Eu acho...



Arquivo pessoal

“Durante as duas décadas de invasão ao Afeganistão, não havia muita clareza sobre o que se desejava para o país. É preciso lembrar que Mike Pompeo, secretário de Estado do governo de Donald Trump, esteve no Afeganistão para negociar com o Talibã, e Joe Biden acabou por manter o cronograma de retirada. Houve esse processo de negociação. A essa altura, acredito que não há muito o que fazer. Por outro lado, não é do interesse do Talibã antagonizar uma relação com os EUA.”

**Marco Antônio de Meneses Silva, coordenador do curso de relações internacionais do Centro Universitário Iesb**

## » Entrevista / Mohammed Naeem, porta-voz do Talibã no Catar

### “A guerra acabou”

Porta-voz do escritório político do Talibã em Doha, no Catar, Mohammed Naeem afirmou ao **Correio**, por meio do WhatsApp, que as forças estrangeiras devem cumprir com o cronograma de retirada — até 31 de agosto. “O Acordo de Doha deu às forças estrangeiras a oportunidade de se retirarem de nosso país sob um pacto. Elas devem sair, e não permanecer por mais tempo”, advertiu. Questionado sobre possíveis consequências, caso os militares adiem a saída, Naeem afirmou que as tropas “querem deixar o Afeganistão”. O talibã disse ver um “futuro brilhante para os afegãos” e anunciou: “A guerra acabou”. Naeem assegurou que o novo governo do Talibã pretende manter relações diplomáticas com todo o mundo, mas avisou: “Não permitiremos que ninguém mais interfira em nossos assuntos”.

**Os EUA prometeram a retirada militar para 31 de agosto. Qual**

**será a reação do Talibã se esse prazo for prorrogado?**

Nós esperamos que as forças estrangeiras completem sua retirada de acordo com a data estabelecida por eles. A situação de segurança no aeroporto é bem estável. O Acordo de Doha deu às forças estrangeiras a oportunidade de se retirarem de nosso país sob um pacto. Elas devem sair, e não permanecer por mais tempo.

**O Talibã está facilitando a retirada dos civis e militares estrangeiros que ainda estão no Afeganistão?**

Esforços estão em andamento para resolvermos este assunto em breve. Nós esperamos que este tema seja resolvido por meio do diálogo.

**Quais serão as consequências, caso eles não saiam antes?**

Nós não esperamos que fiquem por mais tempo, pois eles também querem deixar o Afeganistão.

**Que futuro vocês vislumbram para o Afeganistão?**

Nós antevemos um futuro brilhante para o Afeganistão. Havia dois grandes problemas em nosso país que tornaram a vida da população mais difícil e impediram o progresso: a ocupação e a guerra. Agora, a guerra acabou. Os afegãos são um povo corajoso e humilde. Agora a hora é deles. O apelo que fazemos para a comunidade internacional é para que ajudem o povo afegão. Essa nação tem estado em apuros há quatro décadas. Agora que o Afeganistão deu um suspiro de alívio, todos deveriam ajudar e apertar as mãos.

**Como vê o fato de que alguns países não pretendem manter relações diplomáticas com o Talibã?**

Nós queremos boas relações com a comunidade internacional



Mohammed Dabbous/AFP

e com os vizinhos do Afeganistão. Nós ainda temos relações com estas nações. Não permitiremos que ninguém use o solo afegão contra terceiros. E não permitiremos que ninguém mais interfira em nossos assuntos.

**Há denúncias de que o Talibã violaria direitos humanos no Afeganistão. O que tem a dizer sobre isso?**

Nós estamos comprometidos com os direitos humanos, com os direitos das minorias e com os princípios universais, à luz dos valores e dos recursos naturais de nosso povo e de nosso país. Atualmente, mulheres trabalham e estudam em Cabul e em outras cidades. (RC)

## Kamala promete “compromisso duradouro”

Evlyn Hockstein/AFP



Kamala Harris, vice de Biden, discursa a bordo do destróier USS Tulsa

A vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris, prometeu, ontem, um “compromisso duradouro” de seu país na Ásia, em um momento em que a situação no Afeganistão, após a retirada das tropas estrangeiras, provoca temores em outros aliados de Washington. “Nosso governo tem um compromisso duradouro em Cingapura, no Sudeste Asiático e na região do Indo-Pacífico”, garantiu Harris em Cingapura, em uma pequena visita pelo Sudeste Asiático que também a levará ao Vietnã. “Estou aqui porque os Estados Unidos são um líder mundial e levamos isso a sério.”

A viagem da vice-presidente coincide com a queda do Afeganistão nas mãos dos talibãs e com as imagens de desespero de milhares de afegãos que tentam fugir do aeroporto de Cabul. A situação prejudica a ima-

gem dos Estados Unidos como superpotência e aumenta o receio em outros países asiáticos, que durante muito tempo confiaram no apoio militar dos EUA para sua segurança.

Harris não respondeu às perguntas sobre perda de credibilidade e se limitou a explicar que a prioridade era “retirar os cidadãos americanos, os afegãos que trabalharam (com os Estados

Unidos) e os vulneráveis, especialmente mulheres e crianças”.

### Vietnã

A segunda etapa da viagem de Kamala Harris fará dela a primeira vice-presidente dos Estados Unidos a visitar o Vietnã. Figuras importantes da direita criticaram o momento da visita ao cenário de outra derrota militar histórica.

A saída do Afeganistão provocou recordações da queda de Saigon em 1975, com helicópteros retirando funcionários às pressas pelo teto da embaixada americana diante da chegada das tropas vietcongues. A Casa Branca insistiu em que a escolha do país responde aos desafios geopolíticos do futuro, longe do trauma da guerra do Vietnã. Hoje, Harris desembarca em Hanói, onde terá reuniões com representantes do governo vietnamita.

## Desconfiança

Suhail Shaheen, membro da delegação do Talibã em Doha, disse que a “ampliação da ocupação criará desconfiança entre nós”. “Se eles tiverem a intenção em continuar a ocupação, isso provocará uma reação”, advertiu, sem especificar o tipo de resposta. Mais moderado, Mohammed Naeem, porta-voz do escritório político do Talibã no Catar, disse ao **Correio** que o grupo não aceitará mais interferências externas (leia entrevista). Coordenador do curso de re-